



Revista del CESLA

ISSN: 1641-4713

bebereza@uw.edu.pl

Uniwersytet Warszawski

Polonia

ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth; TELES RODRIGUES, Eliana
IDENTIDADES COLETIVAS NAS NARRATIVAS DOS PESCADORES DO BAIRRO DO CHOQUE ,
ILHA DO MARAJÓ , PARÁ
Revista del CESLA, núm. 16, 2013, pp. 159-176
Uniwersytet Warszawski
Varsovia, Polonia

Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=243329724009>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica

Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal

Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

IDENTIDADES COLETIVAS NAS NARRATIVAS DOS PESCADORES DO BAIRRO DO CHOQUE, ILHA DO MARAJÓ, PARÁ¹

Collective Identities in Narratives of the Fishermen of Bairro do Choque, Marajó Island, Pará

Rosa Elizabeth ACEVEDO MARIN²
Eliana TELES RODRIGUES³

Fecha de recepción: enero del 2013

Fecha de aceptación y versión final: noviembre del 2013

RESUMO: Este artigo centra-se na descrição de uma comunidade de pescadores na Ilha de Marajó, sob as condições de avanço contínuo de degradação ambiental, abrangendo também a análise da evolução da identidade coletiva dessa população.

PALAVRAS CHAVE: identidade coletiva, Barrio do Choque, Ilha de Marajó.

ABSTRACT: This article focuses both on the description of a fishing community in the Marajó Island, under the conditions of continuous advancement of environmental degradation, and the analysis of the evolution of collective identity of its population.

KEYWORDS: collective identity, Barrio do Choque, Marajó Island.

1. NARRATIVA LITERÁRIA DE UMA VILA E UM BAIRRO

O romance “Três Casas e um Rio” (1958) do escritor Dalcídio Jurandir é trazido para produzir um movimento de narrativas, as da literatura e aquelas de etnografias de viagem empreendida pelas autoras, em abril de 2012, quando dia-

¹ Projeto de pesquisa Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais. UEA/INCS/BNDES/FUNDO AMAZONIA.

² Rosa ACEVEDO MARIN – Doutora em História, Universidade Federal do Pará (UFPS), Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Antropologia – NAEA/PPGA.

³ Eliana TELES RODRIGUES – Doutoranda em Antropologia, Geógrafa, Universidade Federal do Pará/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPA/PPGA.

logaram com homens e mulheres que vivem no bairro do Choque – pescadores, vaqueiros e ex-vaqueiros, trabalhadores em diversas ocupações das fazendas. Eles narram sobre a formação dessa unidade social, ao que se somam as fotos, iconografias e mapas que dão conta do tempo “agora” das ruas, do igarapé Por Enquanto, das casas e sinalizam a existência social do bairro.

Da narrativa literária retiram-se as descrições e os significados atribuídos às personagens e suas vivências pelo escritor paraense. A partir da etnografia que sintetiza as observações, falas e conversas com os entrevistados, neste artigo analisam-se os significados atribuídos pelos agentes sociais a sua própria experiência de morar na vila, hoje cidade de Cachoeira, especificamente os de viver no bairro do Choque. O fato de terem migrado da fazenda e viverem no bairro e os deslocamentos realizados entre a fazenda e o bairro são as narrativas mais frequentes, tanto quanto as referidas ao mundo do trabalho na pesca e às restrições que experimentam no presente.

A visão da intervenção que fez de suas ruas “inundadas, alagadas” ruas aterradas pela municipalidade é outro ângulo do bairro do Choque. Esta intervenção é quase simultânea com as cercas arredor do bairro que obstaculizam o acesso às zonas de pesca do rio Arari. Ainda, no agora, a ameaça – de longa data – de que seque⁴ esse rio toma forma concreta. A drenagem do rio Arari para irrigar mais de 12 mil hectares de arroz plantados em larga escala, através de iniciativa particular, cuja licença ambiental permite o uso de 96 000 m³ de água por dia⁵ corrobora a ameaça.

O bairro do Choque tem sido estigmatizado como lugar onde moram “os negros e os pobres”. A narrativa literária é lida como de um tempo passado,

⁴ Esta ameaça está presente em diversos documentos do século XIX e início do século XX que solicitavam a drenagem do rio Arari. Mais recente os geólogos e os geógrafos examinaram o assoreamento além da salinização após a construção e posta em funcionamento da hidroelétrica de Tucuruí, em 1981. Novas hipóteses surgem atribuindo a perda das águas do rio às mudanças climáticas.

⁵ Desta, segundo a Licença Ambiental de 23/9/2010, emitida pela Secretária de Meio Ambiente do Estado do Pará – SEMA, órgão licenciador do Estado do Pará podia usar uma área de 2 000 há para o projeto e teve outorga para usar 96 000 m³. de água por dia extraídos do rio Arari. Informação apresentada por representante do Ministério Público Estadual no dia 28 de fevereiro de 2012 – no SESC Boulevard no evento denominado Viva Marajó organizada pelo Instituto Peabiru e Fundação Vale a qual reuniu diversos representantes do poder público e sociedade civil.

o “antes” da “vila de Cachoeira”⁶ o que permite enveredar pela configuração histórica do espaço social.

Situada num teso entre os campos e o rio, a vila de Cachoeira, na ilha de Marajó, vivia de primitiva criação de gado e da pesca, alguma caça, roçadinhos aqui e ali, porcos magros no manival miúdo e cobras no oco dos paus sabrecados. O rio, estreito e raso no verão, transbordando nas grandes chuvas, levava canoas cheias de peixe no gelo e barcos de gado que as lanchas rebocavam até a foz ou em plena baía marajoara (p. 1).

As anotações sobre o lugar - a vila de Cachoeira elevada num teso⁷ entre os campos e o rio – ampliam-se para descrever suas formas de existência e economia: “primitiva criação de gado e da pesca, alguma caça, roçadinhos”, o rio Arari com seus tempos, secando no verão e durante as grandes chuvas agitando até se produzir a enchente (o resultado das pescarias variava conforme as oscilações do rio).

As ruas da vila no tempo das águas cheias – de dezembro a abril – ficavam inundadas, as casas construídas sobre pilotines, ou palafitas, estavam unidas por pontes de madeira. O chalé onde morava o protagonista do romance *Três Casas e um Rio* – uma criança de nome Alfredo e sua família – recria as recordações desse tempo das grandes águas ou enchentes. Na rua da beirada localizava-se a Intendência.

Era pelas enchentes de março que ilhavam o chalé e as palhoças naquela rua da beirada, subindo a água um metro e pouco ao pé a casa do Major, de alto soalho de madeira (p. 2).

Na Vila havia a “rua da beirada” onde foi construído o chalé do Major Alberto e a “rua de baixo” vizinho do trapiche municipal, fundos para o rio, entre o corpo da guarda e a taberna do Salu. Na rua de baixo viviam os “pobres” nas suas choupanas e barracas. Na rua da Municipalidade e na rua da beirada estavam os casarões, vários deles destruídos. Também na rua da Boa Vista, ficavam um chalé e a antiga mercearia com o nome *Dinheiro Haja*. Outro setor

⁶ Desse “antes” remoto da Vila de Cachoeira é registrada a sua existência como freguesia de N. S. da Conceição da Cachoeira fundada em 1747 pelo capitão-mor André Fernandes Gavinho, “nos campos da margem esquerda do rio Arary, na dependência da Vila Nova de Melgaço” (Arquivo Público do Estado do Pará, *Anais da Biblioteca e Arquivo do Pará*, Tomo Nono, Pará, Tipografia e Encadernação do Instituto Lauro Sodre, 1916, p. 177).

⁷ De acordo com Schaan (1997), os “tesos”, como são conhecidos localmente, são sítios arqueológicos da Fase Marajoara que se encontram sobre colinas ou aterros artificiais, construídos paralelamente ao longo de rios e lagos ou mesmo no leito de rios, quando na época de drenagem das águas.

da vila era dominado pela “primeira rua da vila de cima” no qual “dominava cerrado capinzal”. Poucas ruas ou partes dela tinham sido aterradas. A toponímia – rua das Palhas, da Boa Vista, das Mulatas, do Mercado permite a descoberta do espaço social e observar as personagens em movimento: crianças, moleques, velhas, mulheres, embriagados e no meio da rua os porcos, um ou outro búfalo, as carroças. Qual é esta “rua de baixo”, lugar de moradia dos “pobres”? A descrição dos anos cinquenta não destaca o nome de qualquer bairro, significando que esta noção própria dos sistemas de organização e classificação das cidades era desconhecida. Alfredo reflete sobre eles:

E ele que achava impossível o que acontecia com aqueles pobres da *rua de baixo*, onde não havia pão, nem carne, nem açúcar durante dias!
Seu olhar alcançou dali as barracas da rua de baixo, logo o fundo dos campos, depois a Estação de Monta, as cercas e verduras da vila (p. 84).

A fazenda não se constitui como um mundo social afastado ou em oposição à vila. Ao contrário, no discurso literário é descrita uma trama intensa, pois se confundiam até os limites físicos. Na carroça puxada por boi ou búfalo, o vaqueiro, ou fazendeiro cavalcando um cavalo transitava das fazendas para a vila. O empregado, vaqueiro na fazenda, tinha familiares na vila, embora fossem chamados de “gente das fazendas”. Enquanto o fazendeiro – autoridade municipal – podia “misturar as contas de sua fazenda com as da Intendência”. Os poderes do fazendeiro submetiam as “gentes da fazenda” e as “gentes da cidade”. Falava-se das fazendas “daí de cima”, indicando o alto rio Arari. O sonho de Alfredo era conhecer a fazenda Marinatambalo, que estava situada para “as bandas do teso”. O romancista descreve com minúcias a fazenda imaginada por sua personagem. O seu desejo era conhecer o “Reino de Marinatambalo” (antes fazenda Santo Inácio e idealizada como um reino pelo seu dono, o Dr. Meneses) e desvelar o “fantasma de fazenda”. O universo das fazendas não era distante ou indiferente para os que tiveram que migrar. As notícias chegavam à vila e comentavam-se as tramas sociais, os sentimentos, as personalidades daqueles que estavam imersos em relações sociais de conflito, misturada com medo, desprezo ou amor no seu interior ou fora. A violência dos fazendeiros, capatazes e feitores contra os vaqueiros, os roceiros, as mulheres e as crianças ressalta como força construtora de uma micro sociedade que exprimia tensões, sem aparente capacidade de ruptura.

Dr. Meneses tinha um irmão Edgar, o administrador da fazenda, que amarrava vaqueiros nos troncos, marcava-os com a sua marca, surrava-os com as cordas com

que amansava os poldros, matava caçadores e ladrões de seu pomar, tudo em meio dos pavilhões de caça, jardim zoológico, moinho de vento.

As vozes ou posições dissonantes passavam a mostrar um instinto conservativo, como pensava Edmundo, o filho do Dr. Meneses, jovem formado em uma universidade de Londres, Inglaterra e que retorna à Marajó, animado para reerguer a propriedade familiar. Ele havia sido apontado e se assume como o restaurador do Reino de Marinatambalo e desde essa posição pensa os “outros”:

Acreditava na inferioridade das raças de cor, sobretudo dos mestiços, admitindo certos métodos de intimidação e de castigo no trabalho das fazendas. Mas essas idéias não o entusiasmavam, aceitava-as apenas como uma verdade elementar, um mal necessário à condição da vida colonial e talvez mesmo porque não gostasse de contrariar e examinar as opiniões dominantes (p. 132).

As fazendas eram descritas, classificadas, com os nomes dos “velhos” e dos herdeiros. Os registros encontrados na literatura coincidem com o mundo “real”. Nas fazendas que margeiam o rio Arari e afluentes identificavam-se as famílias Chermont, Frade. No romance é citada a fazenda Carmo, muito longe no coração da ilha Caviana, mais várias fazendas do Alto Jari. A mais próxima da vila era a fazenda *Por Enquanto*, a margem do igarapé homônimo, onde se formaria o bairro o Choque. Nos dias presentes, a ruína de uma fazenda é também nominada como *Por Enquanto* por Sebastiana Barbosa e Alfredo Miranda que narraram as pesquisadoras sobre os “tempos de outrora com a vinda da gente das fazendas para o bairro do Choque”. O que significa “Por Enquanto” foi respondido por eles em termos categóricos: “Não, é uma casa de fazenda! Só que fica na beira”. A outra fazenda classificada como a “porteira” da cidade tinha o nome de Espírito Santo.

2. NARRATIVAS DA FORMAÇÃO DO BAIRRO

As cidades brasileiras refletem os arranjos que seus moradores fazem nelas para sobreviver. Daí se apresentarem como a cidade dos guetos, das mansões, de lugares nobres, do lazer, da religiosidade, do espaço privado, segregando assim as diferenças sociais no espaço e criando modos e padrões culturais diferenciados. Entender esse tecido social, a partir do campo socio-antropológico é penetrar no conceito de cultura na acepção de um “tecido de significados”

dentro dos quais os humanos, modelados exclusivamente pela cultura, devem viver⁸.

Para pensar esta cidade na ilha de Marajó, as reflexões antropológicas contribuem, pois processam-se a partir do registro das construções de quem vive, convive nesse espaço social desenvolvendo e atribuindo significados a suas práticas coletivas.

Com os bairros passa-se algo semelhante ao que se observa nas cidades – a sua história parece diluir-se, na medida em que mudam de configuração física e social. Os tipos e formas que em cada bairro se desenvolvem ao longo do tempo vão sendo historicamente apropriados e progressivamente redefinidos, a partir das ações coletivas. Na maioria dos casos, este processo ocorre rápido aos olhos dos que ali vivem e procedem a elaborar os sentidos da mudança no horizonte de sua existência. Ao chegar à cidade de Cachoeira do Arari, vindo pela rodovia PA 154, o visitante depara-se com os bairros de Petrópolis, Centro, Matadouro e seus ritmos lentos e discretos, em contraste com o ritmo agitado, colorido, sonoro, à medida que se aproxima da “beira do rio”. Toda essa mistura de imagens, sons e cores indica a chegada ao diversificado bairro do Choque, o maior de todos em número e extensão.

O Choque, na sua singularidade, é abordado procurando destacar o que o grupo destaca como mudanças e os significados atribuídos individual e coletivamente. O bairro⁹ é ocupado, a partir da várzea na margem esquerda do rio Arari, em porção que há extensos baixios que drenam um igarapé denominado na nomenclatura oficial da cidade de Cachoeira como Igarapé do Lago. Devido à sua sazonalidade, ele recebeu dos moradores do Choque a insígnia de *Igarapé do Por Enquanto*. Durante o inverno, ele mantém-se cheio, proporcionando a navegabilidade das montarias e os pescadores, além de ser um atalho na passagem entre a Rodovia PA 154 e as moradias do bairro.

O Choque é “bairro de pescadores”!¹⁰ Expor as conotações dessa caracterização se desvincula de uma simples identificação ocupacional, pois para

⁸ Geertz, Clifford (2008), *A interpretação das cultura*, 1. ed., Rio de Janeiro, LTC, p. 4.

⁹ Jenipapo – situado a margem do lago Arari e o bairro do Choque, localizado a margem do rio Arari são identificados pelas palafitas. As casas constituem unidades que contemplam tanto a construção, como parte do igarapé, onde embarcam e desembarcam canoas, também o segmento da rua onde se estendem as redes.

¹⁰ Esta identificação está em documentos oficiais. Entre eles o trabalho de Lima, Dorotea; Pantoja, Vanda (2008), *Marajó: Culturas e Paisagens*. Belém, 2º SR/IPHAN, que têm o propósito de elaborar “Inventário de Referências Culturais da ilha do Marajó”.

além dela se conferem atributos de uma identidade social do coletivo, reconhecida externamente. Neste caso, é referendada por inventários ou intervenções governamentais, como explicitada na legislação de pesca, que os cadastra para fins da política do setor. Contudo, mais que a ocupação é um conjunto de conceitos e elementos relativos à casa do pescador, às ruas, às enchentes, aos calendários da pesca, que possuem enorme peso na evidência, incrustada na linguagem dos pescadores, do que seja o bairro.

Na movimentação pelas ruas do bairro registram-se as redes de pesca estendidas para confecção ou reparo, enquanto no extremo das três ruas do seu traçado que dá para o igarapé, divisam-se as canoas à frente das casas ou nas entranças do igarapé. Nas observações feitas, constata-se que estes trabalhos juntam vários homens que entram em relações de cooperação para executar as tarefas sobre seus instrumentos de trabalho. As tarrafas tecidas por mulheres são obra individual de destreza e paciência feita nas portas das casas. Cotidianamente, os compradores da cidade dirigem-se até esse ponto para assistir o desembarcar das canoas e adquirir o peixe, vendido por um preço vantajoso comparado ao mercado público. O bairro é reconhecido como território de pescadores.

Na memória dos entrevistados o bairro do Choque foi formado há mais de “cem anos” como lugar de vida de pescadores, vaqueiros, trabalhadores das fazendas, moradores de “retiros” (e num período mais recente recebe maranhenses). Como se forma um bairro é uma narrativa plena de histórias de coletivos sob a perspectiva da experiência individual como se apresenta no depoimento:

Toda nossa! A maior parte era daqui! Nós geramos! Uma gerando outra! Quando nós viemos, não tinha nada de casa por aqui, não! Não tinha casa, eram poucas casas. Uma ou duas. Mas os velhos mesmo, logo que nós viemos pra cá... Tudinho de fazenda! A maior parte de fazenda (Senhora Sebastiana Barbosa dos Reis, 64 anos).

A vida, permanência e motivos da saída das fazendas levam a experiências de vida compartilhadas pelos entrevistados. Uns ficam mais tempo e saem quando se aposentam, outros são “empregados de carteira” quando vivem mais tempo na fazenda: “trinta anos que mora em fazenda, de carteira, aí já fica como empregado novo dele”. Mas há também os que vivem por um curto período e sobrevivem de fazenda em fazenda. Os motivos da saída da fazenda para o bairro do Choque na cidade de Cachoeira do Arari são diversos:

Meu pai trabalhava em Anapu, mas ele era empregado mesmo, só que ele não gostava muito de negócio de cavalo, ele gostava mais de trabalhar assim.

Mas esse também trabalhava em fazenda, mas ele também era carpinteiro, terminava a safra e nós ia embora da fazenda. Nós ia daqui no meio de agosto e vinha em dezembro. Ia pro Jenipapo.

Viamo da fazenda pra cá porque minha mãe adoeceu aí meu pai não quis mais ficar na fazenda. Ela (a fazenda) era do Emiliano Frade. Ele tem várias fazendas, mas hoje estão todas falidas. A mãe era doente e tinha que ficar todo o tempo no médico. Não dava pra ela ficar pra lá e pra cá. E uma casa que nós morava lá ele mandou desmanchar e antes dela morrer ele vendeu (Sebastiana Barbosa dos Reis).

Trata-se de gerações dos que tendo nascido e vivido no mundo das fazendas, realizaram rupturas e migraram para Cachoeira do Arari¹¹. Em várias experiências dos trabalhadores, o retorno à fazenda é temporário. Em geral, os vaqueiros da ilha de Marajó não têm registro de carteira assinada e muitos deixam a fazenda depois de um longo tempo de trabalho. A situação de “aposentado” é a necessidade ou a imposição de saída da fazenda, sem nenhum dos auxílios: aposentadoria legal, velhice, viuvez. Outros vaqueiros, carpinteiros e demais trabalhadores das fazendas realizam atividades sazonais, igualmente sem vínculo. O Sr. Alfredo expõe essa sazonalidade do trabalhador: “terminava a safra a gente vinha embora. Nós ia daqui mês de agosto e vinha em dezembro lá pras banda do Jenipapo”.

Durante as conversas depreende-se que a “ruína das fazendas” (a exemplo do Reino de Marinamtabalo) provocou a saída dos moradores-vaqueiros. Também o receio de que os trabalhadores reivindicassem direitos trabalhistas ou territoriais, do que entendiam eram suas posses dentro ou nas fronteiras da fazenda. Nessas narrativas marca-se a ruptura com a fazenda, lugar de confrontos, inclusive trabalhistas, e de abuso de autoridade, assim tida a fazenda como avesso do bairro e a significação social atribuída que se integra a uma identidade coletiva, da “gente do Choque”, diferente da “gente da fazenda”.

Entre as primeiras “barracas”, como são identificadas as moradias dos moradores originários na literatura dos anos 1940, e as casas edificadas na atualidade estaria o diferencial de consumo de algumas poucas vivendas construídas com materiais industrializados (tijolo, cimento nas paredes, piso de cerâmica, portas e janelas de madeira com a segurança de grades de ferro). No bairro continua a dominar madeira para as paredes, chão e telhas de barro no teto e todas as casas estão suspensas, em uma arquitetura de palafitas. As fileiras de casa são

¹¹ O direcionamento do migrante para a pequena cidade obedece a diversas motivações citadas recorrentemente: saúde, educação, ficar perto da família, mudar emprego ou existência de conflitos com os patrões e feitores.

acessíveis por meio das estivas e mesmo com o aterramento de alguns trechos da rua a paisagem anterior pode retornar quando a enchente apresenta-se mais forte. “As casas são bem elevadas porque a água pode invadir”, diz a senhora que nos recebe a porta de sua casa. Mas o aterramento significou mudança para uma parte das casas, pois um grupo numeroso delas situa-se dentro das águas do igarapé Por Enquanto. As casas situadas acima das águas do igarapé – no setor que identificam pelo nome de Petrópolis – se orientam tanto para o rio quanto para o interior do bairro do Choque por meio das pontes e estivas. A fileira de casas construídas na parte mais alta das ruas (aterradas ou não) tem no seu horizonte os caminhos para as fazendas vizinhas. Para outras, o acesso é feito subindo de canoa ou de barco pelo rio, na região de fazendas do Alto rio Arari. Existem as “porteiras da cidade” onde se traspassa o seu limite com a fazenda.

Em uma das casas visitadas, a parte posterior é ocupada por um quintal plantado de açaiçais e dividido por cercas naturais. Esse parece um padrão e permite observar a vegetação entre as ruas. As casas são quase todas geminadas. Elas inovam – como em outras ruas da cidade – por utilizar uma antena feita com aro de bicicleta. Essas antenas são utilizadas para captar sinais de celular e televisão. Dentro do bairro pequenos comércios vendem o pão caseiro. Os vendedores ambulantes circulam de bicicletas, de carroça. É também na carroça que se leva a produção da pesca do dia, os ferreiros fabricam utensílios domésticos a porta de sua moradia, enquanto os jovens buscam na casa de videogame sua diversão. Todas essas formas e construções atribuídas a partir das práticas de seus moradores contribuem para a dinâmica que se verifica no bairro.

No calendário dos pescadores não havia tempo para as fazendas e até podiam se dirigir a elas, mas excepcionalmente. O Choque é lugar de vida e existência de pescadores e pescadoras; como enfatizam possuem “carteirinhas”, de longa trajetória. Informar e quantificar o número dos registrados na Colônia de Pescadores Z-26 Cachoeira do Arari é um elemento para perceber a constituição dessas unidades sociais como bairro de pescadores. Entretanto, é mais significativo conhecer a biografia de famílias, na qual os pais ensinaram à filhas e aos filhos a arte, as práticas da pesca, da confecção de redes e diversos saberes coesos a uma cosmovisão e identidade coletiva.

As relações sociais no interior do que a primeira vista pode ser estudada como uma “comunidade de vizinhança”¹² e as relações dos membros foram teci-

¹² Weber destaca o tipo de relação social denominada de “relação comunitária” que repousa

das dentro do bairro e, eventualmente, nas fazendas. Dois homens, um mais velho e outro jovem, se cumprimentam e em tom de zombaria identificam um tempo quando roubavam gado juntos. Ambos se conheceram fazendo serviços de carpintaria e de construir marombas na mesma fazenda. Há vários anos são vizinhos no bairro. Mas, o mais recorrente é o reforço dessas relações na experiência de vizinhanças. As mulheres reconhecem a vizinha com outra de mais idade que vive na rua próxima e a classificam como uma experiente e exímia pescadora. Outra situação: a jovem que vendia mingau de milho conhece a história de duas crianças – suas novas clientes – que vivem com a avó, pois perderam a mãe na fazenda e foram trazidas para ficar sob os cuidados familiares. Os oito irmãos da família de Sebastiana Reis construíram suas casas, estilo palafitas em lugares distintos do bairro, que hoje formam diversas ruas que cortam o Choque. No tecido das relações sociais desse universo é referido um corpus de unidades familiares: “Eu tenho um irmão que mora pra li. A minha outra irmã mora pra lá... Ano passado faleceu uma irmã minha que morava nessa rua mesmo” (Sebastiana dos Reis).

Sob ângulo descritivo, a questão central neste artigo é que a pesca move uma intrincada vida social, suas ações e gestos. Aponta-se para estudo as estratégias de casamentos entre pescadores e a trajetória geracional que tem implicações sobre a herança dos apetrechos de pesca; a prática cotidiana de comunicação que gira em torno da pesca, como uma entre as práticas sociais e, ainda o conjunto de estratégias, entendendo estas como recorrências nas formas de ação que evidenciavam ser respostas racionais a outros complexos de interesses por parte dos agentes principais e que não teriam sido contemplados pela implementação cega das “regras”¹³. As estratégias econômicas e identitárias de se torna-

no sentimento subjetivo dos participantes de pertencer (afetiva ou tradicionalmente) ao mesmo grupo. “A associação doméstica é a comunidade que supre as necessidades regulares de bens e trabalho da vida cotidiana. A necessidade extraordinária de serviços em ocasiões especiais e situações de ameaça e perigo é suprida, nas condições de economia agrária autárquica, por uma ação comunitária que vai além da comunidade doméstica individual: a ajuda da vizinhança. O conceito de “Vizinhança” não se refere à forma primordial dada pela proximidade dos vizinhos em regiões rurais, mas, de modo geral, a toda vizinhança dada pela proximidade espacial das moradias, permanentes ou temporárias e a situação comum de interesses (Weber, Max, *Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*, Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4ª Ed. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, Vol. 1, 2009, pp. 243-275).

¹³ Cabral, João de Pina (2008), *Sem palavras: Etnografia, Hegemonia e Quantificação*, Mana, 14 (1), p. 68.

rem pescadores para garantir meios de existência social parecem não ter mudado de forma significativa.

A celebração da festa de São Pedro em julho e de São Sebastião em janeiro identifica o bairro na cidade de Cachoeira do Arari. Igualmente notabiliza-se pela tradição de grupos de boi-bumbá. Chagas afirma que o bairro se constitui “um dos grandes celeiros culturais de Cachoeira do Arari, devido ao movimento anual em torno de dois grupos de bois-bumbá: o “Gaiato” e o “Tira Fama”. Esta brincadeira popular organiza grupos de jovens, adultos e crianças para animadamente deambular com um boi pelas ruas o qual realiza movimentos de dança animado com música e cantos. As figuras dos bois entram em competição diante dos espectadores que representam uma comédia com as figuras dos “rapazes da fazenda, os vaqueiros, os índios e a polícia”¹⁴.

As autoridades municipais definem intervenções pontuais e limitadas no espaço físico da cidade, seguindo uma fragmentação espacial que acelera processos de mudança social. As práticas de aterramento têm sido recorrentes na ampliação das cidades e foram introduzidas com o modelo urbanístico colonial. Os igarapés, enseadas e ressacas são vistos como obstáculos à expansão da cidade ou solução para problemas sociais, tal como os grupos que habitam em zonas sujeitas à inundação freqüente.

3. MUDANÇAS NO TERRITÓRIO DOS PESCADORES: CERCAS E ATERRAMENTO

Sob ângulos diferenciados a questão da mudança no território é refletida pelos agentes sociais. A propósito da economia baseada na pecuária e criatório de pé duro, os antigos moradores do bairro do Choque com uma dilatada observação do mundo da fazenda comentam sua decadência. A mudança que ora se vivencia em Cachoeira e no bairro do Choque, particularmente se explica, de acordo com a o Sr. Alfredo Miranda de 82 anos, na “decadência das fazendas”. Essa noção surge de comparações com os antigos fazendeiros da região (na alegoria literária seria o *Reino de Marinatambalo* em ruínas):

As fazendas dos Frade existe todas elas! Eles tem várias! E tão tudo falidas! Falidas pelo fato de que quando era o chefe, o dono tinha cuidado. Os filhos e os netos tão

¹⁴ Chagas Junior, Edgar Monteiro (2008). “Encantado e Gaiato: uma cena do Boi-Bumbá”, em: Lima, D.; Pantoja, V., op. cit., p. 73.

tudo pra Belém. Tem um tempo pra ficar na fazenda é difícil. O roubo do gado influenciou. O roubo do gado, você sabe quem é, mas não pode provar. E pense! (risos) Por isso que eles acabaram com tudo! Tão acabando, porque, já pensou? Pode até entrar, a polícia não pega é muito difícil de pegarem. Agora não, agora parou, mas de primeiro um fazia embarque de gado do outro, era aquela puxação (...). Não sabem quem é. Amarram mesmo e vão escondidos! Não tem como provar. Você sabe quem é, mas você não tem a prova (Sr Alfredo Miranda).

Esta visão percorre os processos de herança e sucessão das fazendas, assim como o conhecido absenteísmo das elites agrárias tradicionais que deixam as “propriedades” a cargo de um feitor e gerente, sem introduzir modernizações ou realizar investimentos que as tornem produtivas. Por outro lado, aponta o entrevistado o que ficou consagrado na literatura como o crime de abigeato, o “roubo de gado” que fica no campo das relações entre fazendeiros. Mas o que compunha o drama do roubo de gado era atribuído “naturalmente” aos vaqueiros e sitiantes.

A mudança para os pescadores é observada a partir das condições materiais para exercer a atividade. A visão do pescador é condição que presume poder ter liberdade para pescar, embora em relação de dependência das regras do coletivo para o uso dos recursos, aquelas de caráter regulador, como a carteirinha, a obediência à política pesqueira. A restrição da liberdade tem outro caráter quando ocorre a limitação pelo fechamento do igarapé. Por Enquanto e a passagem torna-se intransponível pela existência da cerca de arame da fazenda. A mudança processa-se tanto pela fisicalidade (cerca), como pela sua natureza que interfere na organização social do território do bairro e na identidade de pescadores no bairro, que está sendo reduzido e cercado. A questão central é como se tem reduzido o tempo da pesca? Quantos deixarão de ser pescadores e encontrarão outra estratégia de sobrevivência? Quais os conhecimentos tradicionais que deixarão de ser renovados e transmitidos?

A proposição de mudanças é feita e concretizada pelos denominados mais recentemente “agentes do agronegócio”. O projeto de cultivo de arroz no município de Cachoeira do Arari estende-se por 100 hectares e compreende parte da propriedade de 12 000 ha adquirida por Paulo Cesar Quartiero, deputado estadual por Roraima e ruralista, que marca com suas ações a entrada do agronegócio na ilha de Marajó, apoiada em discursos da “renovação”, do aproveitamento da riqueza marajoara, de transformar a ilha em uma “pampa gaúcha” e, em especial, de transformar as várzeas em celeiro de produção de arroz. A pri-

meira operação do ruralista foi adquirir a fazenda Espírito Santo¹⁵, situada no município de Cachoeira do Arari, fronteira com os municípios Santa Cruz do Arari, Ponta de Pedras e Salvaterra. No cultivo de 100 hectares de arroz teria obtido 450 000 toneladas na coleta de 2011, o que representa cem toneladas a mais do que na mesma superfície plantada em Roraima.

O projeto provocou reações favoráveis das autoridades municipais e nos dois últimos meses também do governador do Estado. Para os governantes locais trata-se de uma estratégia para reverter o que é considerado o mais baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Pará, conforme dados obtidos pelo IBGE, e comumente citado como “uma vergonha face o potencial de riqueza que a região oferece”. A visão do executivo municipal e estadual consiste numa posição triunfalista e de mudança da econômica local e da ilha de Marajó, compartilhada pelas entidades vinculadas ao agronegócio, como a FAEPA, CNA, SENAR e Sindicato de Ruralistas.

Entretanto, as ações do agronegócio desencadearam uma série de preocupações ambientalistas. A irrigação já citada é feita retirando água do rio Arari. Os pássaros que invadiam a plantação foram exterminados e está sendo identificado o uso de agrotóxicos. O projeto não passou por Audiência Pública e obteve uma licença ambiental da Secretaria do Meio Ambiente, questionada em fóruns da capital, Belém. A notícia divulgada no jornal Folha de São Paulo no dia 5 de abril de 2012, citando o impacto ambiental do Projeto, provocou uma resposta dos ruralistas e de aliados ao Projeto. Nesta notícia é ignorada a situação dos pescadores do Bairro do Choque, onde começa a cerca da fazenda. Os pescadores têm impedimento de pescar no igarapé Por Enquanto. Na direção do Baixo rio Arari, os quilombolas do Rio Gurupá insistem na contaminação com resíduos das águas do rio, precisamente onde estão situadas suas terras.

As reações organizadas do agronegócio não tardam. No dia 14 de abril de 2012 foi realizada uma reunião na Câmara Municipal de Cachoeira do Arari, com a presença de mais de 100 pecuaristas e uma equipe técnica que apresentou

¹⁵ A fazenda Espírito Santo é noticiada como a última estação ou parada feita pela comissão de foliões da Festividade do Glorioso São Sebastião que, após seis meses de percorridos por retiros, fazendas e vilas, chegam no dia 9 de janeiro para render homenagem ao Santo já na sede do município (Barros, Lilian; Abufaiad, Verena (2008), *Folias de São Sebastião. Um estudo da transmissão musical. Cachoeira do Arari, Ilha de Marajó. Belém*, IPHAN, 2ª Superintendência Regional no Pará e Amapá, pp. 54-55).

o projeto¹⁶. Nesse ato foi legitimado o projeto de desenvolvimento sustentável diferente – segundo o expositor Quartiero, inclusive que visa mudar a criação “do búfalo” por uma nova pecuária. Nela, o vaqueiro subsumido ao mundo da fazenda não teria mais lugar. Este era seu único universo, ali nascia, se acidentava e morria.

O denominado “agronegócio” e as ações decorrentes de sua expansão acelerada face às demandas e preços das *commodities* agrícolas são objeto de uma interpretação acurada por Almeida que parte do tripé: inovações tecnológicas, terras aráveis e mercado de *commodities* “que aprovam a lógica daqueles grandes projetos e sua pretensa racionalidade na exploração dos recursos naturais”¹⁷.

O cultivo de arroz em larga escala, a partir do município de Cachoeira do Arari, é uma meta que em pouco tempo pretende se tornar uma das duas principais atividades econômicas do arquipélago de Marajó. De acordo com o atual presidente da Faepa/Federação da Agricultura e Pecuária do Pará, Carlos Xavier, a proposta visa a implantação de 300 mil hectares de arroz irrigado em toda ilha do Marajó nos próximos anos.

A iniciativa particular de plantio do cereal pelo proprietário da fazenda Espírito Santo é vista como exemplo a ser seguido pelos demais pecuaristas e novos empreendedores do Sul do país que chegam a região. A notícia veiculada no jornal *O Liberal* em 22/04/2012 com o título *Agronegócio movimenta Cachoeira do Arari* exalta a chegada do agronegócio no município¹⁸.

Mas a eficácia alardeada desta economia rompe com formas e modos de vida, de grupos de famílias, dentre as quais se encontram algumas no bairro do Choque - os cercamentos feitos pelo proprietário da fazenda Espírito Santo, cuja propriedade se estende desde a localidade das Cuieras, atravessam a Rodovia

¹⁶ No horário da tarde a mesma comitiva inaugurou na pequena cidade de Cachoeira do Arari a sede do Sindicato dos Ruralistas com os símbolos da Confederação Nacional da Agricultura, Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Pará, FAEPA e SENAR.

¹⁷ Almeida, A.W.B. (2010), “Agroestratégias e desterritorialização dos direitos territoriais e étnicos na mira dos estrategistas dos agronegócios”, em: Almeida, A. W. B. *et al.* (orgs.). *Capitalismo globalizado e recursos territoriais: fronteiras da acumulação no Brasil contemporâneo*, Rio de Janeiro, Lamparina, p. 104.

¹⁸ O município de Cachoeira do Arari é um dos mais tradicionais do arquipélago do Marajó (...) em termos econômicos, as coisas não andavam bem. Até que há alguns anos surgiu um grupo com o projeto de plantio de arroz de várzea nos campos de Cachoeira e a partir daí o município começou a viver um novo tempo (O Liberal – Caderno Mercado – 22/04/2012).

Estadual PA 154 e chegam as cercanias dos bairros e cemitério da cidade de Cachoeira.

A porção da fazenda que se limita com as moradias do bairro do Choque é cercada por fios de arame e que até o ano de 2011 eram envolvidos por eletricidade. A narrativa de uma moradora antiga do bairro corrobora essa afirmação.

Antes ele (refere-se ao arrozeiro) colocava arame elétrico no verão, mas agora ele tirou. Tá tudo cercado, mas num tem o coisa elétrico. Ele tá comprando tudo. Tá comprando essas áreas que é difícil a criação. Quando a gente veio pra cá não tinha nada não (Sebastiana Barbosa dos Reis, 64 anos).

No estudo de campo foi realizada a tentativa de mensurar e documentar o cercamento total do bairro e foram feitas as fotografias dos lugares estratégicos. Os dados recolhidos durante a viagem de campo realizada no mês de fevereiro de 2012 permitiram a elaboração de uma carta imagem, que indica a ampla área do município de cachoeira do Arari onde se cultivava a monocultura de “arroz acostumado”, marca designada ao fazendeiro, proprietário da fazenda¹⁹.

Os entrevistados manifestaram uma observação consensuada sobre a construção de cercas como situação que caracteriza o bairro, diante das quais precisam elaborar estratégias que lhes permitam ir aos territórios de pesca que ficaram fechados ou com acesso obstaculizado.

Isso aqui é cerca direto. Pra onde a gente tomar não pode passar: tem cerca, mas a gente pesca, a gente vai abeirando. (Sebastiana Barbosa dos Reis, 64 anos).

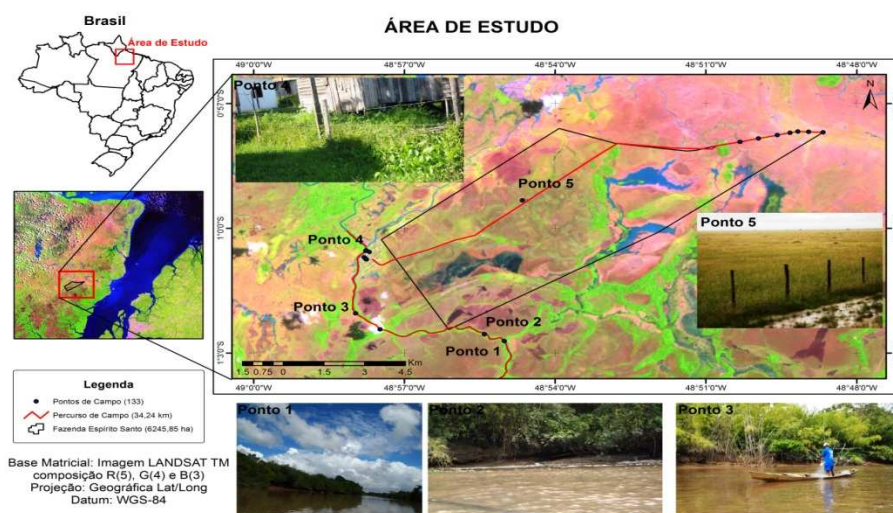
O igarapé Por Enquanto sinaliza a delimitação entre a várzea baixa e os campos, onde se encontra uma porção mais elevada conhecida pelos moradores do Choque como teso e seca durante a estiagem no verão amazônico. A sua maneira eles fazem a nomenclatura do que é que significa a toponímia local, ao identificarem os vestígios arqueológicos.

Só que esse igarapé, eu entrei por esse igarapé quando a estrada quebrava, a gente entrava por esse igarapé num barco, soltava lá pra pegar carro lá naquela passagem onde tem uma ponte na PA. Por aqui... Quando a estrada quebrava lá, a gente passava por esse garapé. (Dona Sebastiana Barbosa dos Reis).

Nesse igarapé seca! E tudo é Teso! O Teso é uma área que seca. Mas tem um lugar aí, Ah, se acha... É pra Ilha do Fogo pra cá, aqui no Fortaleza, onde o pessoal diz que tem um sítio arqueológico. Tem muito, onde tem muita vasilha de barro, onde tem um bucado de coisa, pra cá pro campo (Alfredo Miranda).

¹⁹ *Serra do Sol – Produtores se dividem sobre saída de terras*, disponível em <http://www.conjur.com.br/2009-abr-28/produtores-arroz-dividem-saida-raposa-serra-sol>.

FIGURA 15. Carta-imagem do município de Cachoeira do Arari e seu rio principal, o Arari, destacando a área da fazenda Espírito Santo e parte da cidade de Cachoeira²⁰. Composição de imagens a partir das bandas visíveis LandSAT TM composição R (5), G(4) e B(3).



Fonte: INPE (2012).

As cercas e o arrozal da fazenda Espírito Santo modificam a cosmografia dessa paisagem construída pelos primeiros ocupantes da ilha de Marajó e concebida pelos moradores do Choque, pois as cercas atravessam porções do

²⁰ O percurso vai do médio curso do rio Arari até a cidade de Cachoeira e depois segue por via terrestre até a localidade das Cuieras que se limita com a área da fazenda Espírito Santo. A foto 1 indica a porção do rio onde se iniciou a observação, ou seja, o médio curso do rio Arari, acima da fazenda São Marçal, na margem esquerda. O ponto 2 indica a foz do igarapé do Mauá que nasce juntamente com o rio Gurupá na Campina do Marajó no limite entre campo e floresta de várzea. O igarapé do Mauá deságua no alto curso do rio Arari na margem esquerda e banha parte da fazenda Espírito Santo. A foto identificada como Ponto 2 demonstra a saída de resíduos de cor branco fosco saindo das terras da fazenda citada, próximo a foz do igarapé Mauá. O Ponto 3 indica pescador em uma porção situada a 20 metros acima da foz do igarapé onde foi observada a saída de resíduo esbranquiçado. O Ponto 4 indica a localização do bairro do Choque onde foi realizado o survey para identificar a situação social dos moradores e onde se observam cercas em arame farpado colocadas no local pelo proprietário da fazenda Espírito Santo. Essas cercas anteriormente estavam eletrificadas. O Ponto 5 indica a plantação de arroz à margem da PA 154 na porção esquerda da direção Cachoeira-Foz do rio Camará.

igarapé Por Enquanto e ainda os diversos atalhos e meandros para chegar até ele e ao rio Arari.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação social reflete a insustentabilidade do Bairro do Choque no meio da expansão do agronegócio na ilha de Marajó, a partir de Cachoeira do Arari. Desta feita, os aterramentos atuais nas ruas e as alterações na morfologia do rio Arari, dentre as quais a construção do canal artificial para a plantação de arroz, contribuem para a alteração do ambiente ecológico no bairro do Choque e suas cercanias.

O tempo agora para os pescadores do Bairro do Choque está marcado por uma margem restrita de liberdade para organizar os calendários e o cotidiano da pesca. Encontram ainda uma crescente contaminação dos cursos d'água, semelhante ao observado pelos quilombolas do rio Gurupá, no Baixo rio Arari.

Nos últimos anos os invernos caracterizados por rigorosas enchentes têm levado a prefeitura municipal a decretar situação de emergência, embora moradores do bairro reconheçam a mudança no regime de chuvas, com menor pluviosidade, o que teria diminuído as cheias do rio Arari.

No horizonte da expansão da cidade, este “bairro de pescadores” estará sujeito a mudanças na sua configuração socio-espacial. Destarte a rapidez das mudanças, é muito lenta a organização política dos agentes sociais, o que obstaculiza, momentaneamente, que os moradores do Choque e do município elaborem críticas e posicionamentos de resistências frente à direção das mudanças a favor do agronegócio e da modernização da cidade, que ignora os direitos dos povos e comunidades tradicionais, tanto deste município como de todo o arquipélago de Marajó.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A.W.B. (2010), “Agroestratégias e desterritorialização dos direitos territoriais e étnicos na mira dos estrategistas dos agronegócios”, em: Almeida, A. W. B., *et al.* (orgs.). *Capitalismo globalizado e recursos territoriais: fronteiras da acumulação no Brasil contemporâneo*, Rio de Janeiro, Lamparina, pp. 101-143.

- Arquivo Público do Estado do Pará (1916), *Anais da Biblioteca e Arquivo do Pará*, Tomo Nono, Pará, Tipografia e Encadernação do Instituto Lauro Sodre.
- Barros, Lilian; Abufaiad, Verena (2008), *Folias de São Sebastião. Um estudo da transmissão musical. Cachoeira do Arari, Ilha de Marajó*. Belém, IPHAN, 2º Superintendência Regional no Pará e Amapá, pp. 54-55.
- Cabral, João de Pina (2008), *Sem palavras: Etnografia, Hegemonia e Quantificação*, Mana, 14 (1), pp. 61-86.
- Chagas Junior, Edgar Monteiro (2008), “Encantado e Gaiato: uma cena do Boi-Bumbá”, em: Lima, D., e Pantoja, V. *Marajó: culturas e paisagens*. Belém, 2º, SR IPHAN, pp. 58-77.
- Geertz, Clifford (2008), *A interpretação das cultura*, 1.ed., 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC.
- Jurandir, Dalcídio (1958), *Três casas e um rio*, 3ª ed. Belém, CEJUP, 1994.
- Lima, Dorotea e Pantoja, Vanda (2008), *Marajó: Culturas e Paisagens*. Belém, 2º SR/IPHAN, 2008.
- “Agronegócio movimentou Cachoeira do Arari” (2012), *Jornal O Liberal*, Caderno: Mercado em 22/04/2012.
- Schaan, Denise Pahl (1997), *A Linguagem Iconográfica da Cerâmica Marajoara. Um Estudo da Arte Pré-histórica na Ilha de Marajó, Brasil (400-1300AD)*, Porto Alegre, Edipucrs.
- Serra do Sol – Produtores se dividem sobre saída de terras*, disponível em <http://www.conjur.com.br/2009-abr-28/produtores-arroz-dividem-saida-raposa-serra-sol>.
- Weber, Max (2009), *Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*, trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa, 4ª Ed. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, Vol. I, pp. 243-275.